

Estado da publicação: O preprint não foi submetido para publicação

PAISAGEM E LITERATURA: O LUGAR NA OBRA DE ESCRITORES DE PETRÓPOLIS DO SÉCULO XX

Ana Kyzzy Fachetti, José Pessôa

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9594>

Submetido em: 2024-08-12

Postado em: 2024-08-16 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

PAISAGEM E LITERATURA: O LUGAR NA OBRA DE ESCRITORES DE PETRÓPOLIS DO SÉCULO XX

Ana Kyzzy Fachetti 1

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0003-2684-6349>

José Simões de Belmont Pessôa 2

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0001-7956-7840>

RESUMO

Entende-se que paisagens singulares se constituem em patrimônios culturais das cidades, na medida em que fazem parte do cotidiano dos cidadãos e estão presentes nas representações sociais. Petrópolis é uma cidade com qualidades ambientais marcantes e se destaca pela beleza do sítio onde está assentada, onde a Mata Atlântica, berço onde repousa toda a cidade, faz pano de fundo de seu patrimônio histórico edificado. Este trabalho tem como intuito despertar o olhar para a paisagem e o lugar em Petrópolis, que abrigam o seu patrimônio cultural e natural. Analisando poemas de autores petropolitanos, ou que falam da cidade, busca-se perceber como os lugares se formam nas falas desses artistas. A arte é uma grande aliada na proteção das paisagens e preservação do patrimônio cultural dos locais. A literatura, mais do que as artes visuais, descreve paisagens e lugares de uma forma mais ampla, pois pode captar, através da imaginação, as dimensões ocultas, aquilo que os olhos não veem. A arte, principalmente a literatura, mais acessível ao povo, voltada à leitura dos lugares, por consequência, do patrimônio das cidades, contribui para que todos tenham acesso a ele, o reconheçam como um bem que lhes pertence, o valorizem e o queiram preservar.

Palavras-chave:

Paisagem, Lugar, Patrimônio Cultural e Natural, Literatura, Petrópolis.

LANDSCAPE AND LITERATURE: PLACE IN THE WORK OF 20TH CENTURY PETRÓPOLIS WRITERS

ABSTRACT

It is understood that unique landscapes constitute the cultural heritage of cities, as they are part of citizens' daily lives and are present in social representations. Petrópolis is a city with striking environmental qualities and stands out for the beauty of the place where it is located, where the Atlantic Forest, the cradle where the entire city rests, forms the backdrop of its historical built heritage. This work aims to awaken the view of the landscape and the place in

Petrópolis, which houses its cultural and natural heritage. Analyzing poems by Petropolitan authors, or those who talk about the city, we seek to understand how places are formed in the speeches of these artists. Art is a great ally in protecting landscapes and preserving the cultural heritage of places. Literature, more than the visual arts, describes landscapes and places in a broader way, as it can capture, through imagination, the hidden dimensions, what the eyes cannot see. Art, especially literature, which is more accessible to the people, focused on reading places, and consequently, the heritage of cities, contributes to everyone having access to it, recognizing it as an asset that belongs to them, valuing it and wanting to preserve it.

Keywords:

Landscape, Place, Cultural and Natural Heritage, Literature, Petrópolis.

Introdução

Petrópolis nasceu bucólica. Uma fazenda destinada a servir de refúgio para a família Imperial em meio ao calor escaldante e as doenças do verão carioca. Conforto, salubridade e tranquilidade eram as premissas desse lugar serrano. Era justamente o que se buscava, um lugar. Não apenas mais uma casa, não somente um palácio de verão. “Calcula-se que D. Pedro II tenha passado 40 verões em Petrópolis. Com o tempo, o imperador viajava a sua ‘cidade querida’, como ele a chamava, com mais frequência, não só no verão” (BRASILIANA ICONOGRÁFICA, s/d).

Sendo uma região de serra, coberta pela Mata Atlântica, com essa herança imperial e, também, com as marcas dos primeiros anos da república – pois continuou atendendo à elite e sendo morada dos presidentes em meses de verão –, Petrópolis guarda um patrimônio histórico, cultural e ambiental como poucas cidades do Brasil. Várias de suas paisagens fazem transcender de uma realidade para outra, para a tranquilidade de anos que não voltam, para um lugar com clima ameno nos seus dias mais quentes, ou para um inverno dos “trópicos” para aquecer a alma, saboreando os líquidos quentes próprios da estação. Lugar é uma porção da paisagem, não tem limite de tamanho. É um microcosmo, criado por aspectos interessantes da paisagem, que pode ser pequeno como um canto de um quarto ou grande como a própria Terra, esta, se observada por astronautas “é o nosso lugar no universo” (TUAN, 1979, p.421). Tuan (2012) diz ainda que o espaço dotado de valor é o lugar. Dessa forma, podemos dizer que Petrópolis nasceu lugar, porque nasceu de um sonho, num local amado pela família Imperial, que fez muito pela cidade e para quem nela vivia.

Quando se tem identidade e patrimônio histórico e cultural, podemos afirmar que há memória, lembranças e afeto. Assim, a paisagem possui recortes significativos que retêm atributos e valores, que caracterizam combinações específicas de componentes sociais e físicos constituídos ao longo da história com dinâmica própria, atrelados, também, ao sentimento de pertencimento da população com o local. Estes recortes são unidades de paisagem, porções a serem preservadas (CARNEIRO et AL, 2009). Por sua vez, essas porções podem ser classificadas como um espaço definido como identitário, relacional e histórico, isto é, um lugar (AUGÉ, 1994).

Contudo, apresentamos o tema central deste trabalho como o lugar em Petrópolis na visão dos poetas. Nosso objetivo principal é analisar esta “lugaridade” de Petrópolis, a partir de

artistas, mais especificamente poetas, dos séculos XIX e XX, nascidos na cidade, ou que nela moravam, ou que escreviam sobre ela. Para tanto, se faz necessário desenvolver algumas etapas, como objetivos específicos: 1) selecionar as obras de artistas nascidos, moradores ou que falam de Petrópolis; 2) analisar cinco poemas, no intuito de categorizar termos, sobretudo adjetivos, que valorizem a cidade, dando-lhes as características de lugar; para fundamentar a classificação das categorias, 3) apresentar um estudo sobre os conceitos de Lugar e Paisagem e 4) entrelaçar estes conceitos com a noção de patrimônio, dada a importância histórica e cultural da cidade.

Mesmo com toda a sua importância e todos os aparatos de proteção e preservação aplicados na cidade, Petrópolis sofre com a perda de elementos de seu patrimônio: há abandono e negligência quanto a edificações históricas, poluição dos rios, lixo jogados nas encostas e desmatamentos. Pois, Petrópolis não é uma cidade cenário como Gramado, por exemplo, ela é viva e dinâmica. Faltam políticas públicas em diversos aspectos, ou, em muitos casos, são mal aplicadas: habitação, economia, segurança, educação e preservação cultural, dentre outros.

Ao se caminhar por diversas vias da cidade, não é difícil perceber as transformações nas paisagens, ocasionadas por novas construções, que desmatam ou que inserem seus muros e suas caixas de tijolo e concreto nos terrenos, sem nenhum critério de integração com o ambiente. Também não é difícil de encontrar imóveis antigos em estado de deterioração, por conta de abandono e falta de manutenção. Estes fatores contribuem para a degradação do sentido do lugar.

Nosso trabalho é um grão de areia para colaborar na conscientização pela importância da preservação dos bens culturais e ambientais, não só para fomentar o turismo, como uma engrenagem da economia, mas, sobretudo, para preservar a identidade do local, manter viva a memória de um povo e o espírito do lugar. Agora, não só para a elite, mas para que todos possam experimentar os atributos de um espaço que é lugar.

Portanto, é um trabalho de cunho descritivo, com uma abordagem qualitativa, partindo de uma pesquisa bibliográfica, de onde se busca contextualizar o tema e retirar os conceitos que fundamentem a categorização e classificação de termos, selecionados a partir de leitura e interpretação de textos.

Para a contextualização e para situar o tema, o lugar na cidade de Petrópolis na visão dos poetas, se faz necessário trazer os autores que escrevem sobre a cidade e sobre a arte desenvolvida nela e para ela. Alguns desses autores, trabalhos no capítulo 2, são Walério Winter, com seu livro *Petrópolis, uma história ambiental*; Julio César Gabrich Ambrozio, *Petrópolis: o presente e o passado no espaço urbano: uma história territorial*; José Luiz de Mendonça Costa, *Petrópolis na História* e Lilia Moritz Schwarcz, *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*.

A fundamentação teórica, desenvolvida para embasar a formação de categorias e as análises, será desenvolvida mediante autores que tratam dos temas lugar e paisagem.

Foram trabalhadas as noções de lugar e não-lugar e como eles estão presentes nas cidades. Buscou-se uma dinâmica dialógica entre autores da Teoria do Lugar, como Yi-Fu Tuan, Christian Norberg-Schulz, e Marc Augé, entre outros. Partindo do pressuposto de que o lugar é um espaço vivido, onde o homem se relaciona e se identifica, entende-se que o lugar promove identificação e bem-estar, por isso, foram trabalhadas aqui as relações lugar, identidade e paisagem. Ao se tratar de paisagem, abordamos o assunto, trazendo a luz os conceitos a serem trabalhados para se discutir a paisagem de Petrópolis. Foi utilizada como bibliografia base o livro *A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990*, de Wherter Holzer (2016), que direcionou a abordagem conceitual sobre paisagem, na perspectiva desejada, a

humanista e de onde retirou-se os principais autores trabalhados. Michael Collot, com sua obra *Poética e filosofia da paisagem*, nos dá o apoio na ligação entre os temas lugar, paisagem e literatura.

Ao entrelaçarmos paisagem, lugar e patrimônio, utilizamos como fontes como o artigo de Desidério Soares Batista e Rute Sousa Matos, *A dimensão patrimonial e identitária da paisagem*. Segundo os autores, ao aceitar-se que a paisagem contemporânea corresponde a uma herança e legado histórico, e por isso, constitui-se em patrimônio de memória coletiva, fica evidente a sua importância relevante e inequívoca, dado a seu papel na identidade territorial, independentemente da escala (local, regional, nacional, mundial), e na sua capacidade de transmitir às populações a consciência e o sentimento de pertencer e de possuir esse patrimônio comunitário identificador (BATISTA; MATOS, 2014). Também exploramos o livro de Rafael Winter Ribeiro, *Paisagem Cultural e Patrimônio*, de onde tiramos contribuições importantes, dentre elas, a de que o patrimônio de um povo, de uma região, está inscrito na paisagem com a qual se confunde, mas, ele só tem sentido se os grupos sociais enxergam nele os valores que indiquem as etapas relevantes “da aventura do homem na Terra” (RIBEIRO, 2005, p. 112) e as marcas que resguardam memórias e são identitárias para a comunidade. Dessa maneira, o bem preservado nasceu de “relações sociais que emprestam significado à vida”, relações estas sediadas nos lugares.

Para a pesquisa, selecionamos e analisamos alguns poemas, por meio de fontes da internet e livros. Optamos por trabalhar, principalmente, com o livro *Anuário Pirilampo de Poesia – 1987: Poetas Petropolitanos*, coordenação de Paulo César dos Santos, de onde são retirados três poemas. Aqui, fazemos a montagem das categorias e as classificamos quanto aos atributos de lugares. O intuito é conhecer o olhar destes artistas para com o local, como a cidade era valorizada, como os lugares se formam em suas percepções e concepções. Como conclusão, o estudo nos fez perceber que o olhar do passado, expresso nos poemas analisados, ainda está ativo, não só por artistas e pessoas mais sensíveis, mas comprovadamente, pela quantidade de visitantes que a cidade recebe e até mesmo pelas falas de alguns de seus moradores. Não queremos que este olhar fique restrito ao centro histórico, ou aos trechos de matas e cachoeiras preservadas, queremos que este olhar, esta percepção se mantenha em toda a cidade. Preservar os patrimônios da cidade e preservar a própria cidade, sua população. O patrimônio histórico resguarda sua identidade, sua essência, sua alma. O patrimônio ambiental é o pano de fundo de tudo isso, preserva a sua forma, sua paisagem. Preservar rios e florestas é amenizar acidentes com inundações, deslizamento de terras e a poluição, é preservar a vida.

Petrópolis: breve contexto histórico e artístico

Petrópolis foi construída no alto da Serra da Estrela, ao norte da cidade do Rio de Janeiro. A serra fluminense passou a ser chamada assim, porque os primeiros colonos portugueses olhavam para o alto e lembravam da Serra da Estrela, em Portugal (WINTER, 2021).

A cidade nasceu e cresceu nos vales entre vertentes de montes e morros do alto da serra. O terreno é drenado por centenas de rios e córregos que formam, entre outras, as bacias dos rios Quitandinha, Palatinado e Preto, todas tributárias do Piabanha, o maior da região. (WINTER, 2021, p. 53)

Em 1843, por meio de um decreto assinado por D. Pedro II, Petrópolis foi criada. Em 1857, elevada à categoria de cidade e em 1862, foi finalizada a obra do Palácio de verão da família Imperial.

Pago com recursos próprios do imperador, o Palácio Imperial de Petrópolis começou a ser construído em 1845. O projeto arquitetônico original de Koeler foi alterado depois de sua morte, em 1847, e liderado pelo italiano Cristóforo Bonini. O botânico e paisagista francês Jean-Baptiste Binot planejou os jardins imperiais. A decoração interna ficou a cargo de nomes importantes da Academia Imperial de Belas Artes (Aiba), como Manuel de Araújo Porto-Alegre, Joaquim Cândido Guillobel e José Maria Jacinto Rebelo (BRASILIANA ICONOGRÁFICA, 2023).

D. Pedro II adorava a sua residência de verão e a cidade que foi desenhada ao seu redor. Suas prolongadas temporadas em Petrópolis criaram uma atmosfera favorável para a prática de veraneio ou vilegiatura, como se dizia à época, iniciada pelo próprio monarca e pela aristocracia do Império, seguida pelos presidentes e políticos da República e cultivada por muitos até hoje (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2023). Com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, a família imperial foi banida do país e se exilou na Europa. Em dezembro do mesmo ano, a imperatriz D. Teresa Cristina faleceu em Portugal e, dois anos depois, em 1891, D. Pedro II faleceria em Paris.

Depois que D. Pedro II e sua família mudaram-se para a recém-construída casa de verão, o plano era transformar aquele local em uma cidade nova, destinada, principalmente, à aristocracia, para que tivesse um abrigo seguro para se mudar durante quatro ou cinco meses do ano. “Além de oferecer os prazeres da convivência com a Coroa, Petrópolis convertia-se em rota de fuga da febre amarela, em uma espécie de política sanitária da corte (SCHWARCZ, 1998, p.517).”

Pedro II doou lotes de terra para amigos e nobres, diplomatas e políticos do império, como o Barão de Mauá. Esses homens e suas famílias passaram a frequentar a cidade e construir seus próprios palacetes. Artistas brasileiros e viajantes também colocaram Petrópolis na rota. Foi o caso da inglesa Marguerite Tollemache, que fez uma série de desenhos, registrando a cidade quando passou por lá, e do fotógrafo e pintor alemão Karl Ernest Papf, que se mudou para Petrópolis em 1850, onde abriu o estúdio Photographia Papf e produziu encomendas para a família imperial (BRASILIANA ICONOGRÁFICA, 2023).

Desde o início que Petrópolis e sua paisagem são exaltadas, e até mesmo “tem sido fonte de inspiração para artistas desde os tempos mais remotos em que pintores, desenhistas, fotógrafos e escritores” transitavam por esta serra fluminense. “Petrópolis é o lugar da terra que talvez melhor mereça, do que qualquer outro ser intitulado paraíso terrestre”, é a imagem “verbalizada” por Carlos Augusto Taunay em Viagem pitoresca a Petrópolis (1862), em que se vê claramente a primazia da natureza, cuja exuberância encantou viajantes e imperadores. E, por conseguinte, será esta a primeira dimensão a ser tratada pelos artistas, as paisagens. (MUSEU IMPERIAL, 2023)

Petrópolis seguiu o curso da história, e sua paisagem se modificando de acordo com as necessidades de cada época. Além da construção da casa da família Imperial, o decreto de criação da cidade previa a construção da Catedral, que se finalizou por completo em 1969, com a construção da torre. Na república, mais casarios foram construídos para receberem os presidentes e a elite. Assim, a paisagem urbana seguia ganhando as marcas dos tempos.

A industrialização, iniciada ainda no Império, teve grande importância nas transformações urbana-paisagísticas da cidade. A inauguração da estrada de ferro em 1854 impulsionou a implantação de indústrias nos quarteirões próximos à estrada (GABLER, 2015). Fato que se intensificou com a construção da Estrada de Rodagem União e Indústria (1856-61) pelo imperador D. Pedro II, a primeira rodovia pavimentada do Brasil (GABLER, 2015).

Quarteirões como Mosela e Bingen receberam indústrias a partir daí. Estes quarteirões -

assim como outros que existiam como zonas de colonos, pontuadas com algumas residências de vilegiatura - se viram transformados, principalmente pelo aumento populacional (AMBROZIO, 2008).

Hoje, ainda temos uma cidade lugar, cheia de história, memórias e belezas naturais. Por estar em constante transformação, é preciso planejamento e cuidado para preservar seu patrimônio cultural e natural sem gerar injustiças sociais. O crescimento desordenado e a falta de políticas públicas voltadas para a expansão urbana, para a habitação e segurança, deixaram a cidade vulnerável em relação ao resguardo deste patrimônio, sobretudo, em relação à sua segurança e a dos próprios habitantes da cidade. Não somente reclamamos pela descaracterização da paisagem, mas, sobretudo pela desqualificação do espaço vivido, pela poluição, desmatamento, construções irregulares, e consequentes acidentes, como enchentes e deslizamentos de terra.

Paisagem e lugar: conceitos prévios

Muitas pessoas dizem que gostam de Petrópolis porque tem belas paisagens. Mas, sabemos bem o que é paisagem? Esta visão de paisagem como um panorama belo pode se enquadrar na noção que nos apresenta Santos (1914), dizendo que “tudo aquilo que vemos, o que nossa visão alcança, é paisagem. [...] Não é formada apenas por volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. Portanto, paisagem não é necessariamente uma vista bonita. São muitas ideias que envolvem o termo, cujo estudo vem de longa data. Há autores que defendem que não existe um conceito de paisagem, existe múltiplos conceitos que formam noções de paisagem. Para Ribeiro (2007), temos diferentes abordagens para conceituar paisagem, uma tarefa difícil para o campo científico. “É um conceito que possui múltiplas acepções e está em permanente construção” (RIBEIRO, 2007, p. 31). Aqui, pretendemos discutir uma abordagem que fundamenta o trabalho, principalmente, buscando um conceito que seja coerente com o tema, pensando a paisagem como parte inerente do patrimônio cultural de Petrópolis e relacionando à “lugaridade” da cidade.

Assim, mantemos a paisagem de Milton Santos, mas acrescentamos uma contribuição de Michel Collot (2013, p. 17): “[...] paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista.” Para o autor, a noção de paisagem considera, no mínimo, três componentes: um local, um olhar e uma imagem. Dessa forma, temos um conceito subjetivo, em que a paisagem se cria da percepção de quem observa. “É o olhar que transforma o local em paisagem e que torna possível sua ‘artialização’, mesmo que a arte o oriente e o informe em retorno” (p.18). Quando o autor utiliza o termo “artialização”, refere-se ao olhar sensível, aos sentimentos experimentados por um observador ao contemplar uma paisagem como uma obra de arte. É a percepção estética. Portanto, um local só se torna uma paisagem, a partir do momento em que é percebido por um sujeito.

Nas palavras de Eric Dardel, paisagem é o que está em torno do ser humano, ou seja, todos os elementos geográficos se agregam na paisagem. No entanto, apesar de apresentar-se como uma totalidade estética, a paisagem só é acessível aos sentidos e ao sentimento humano porque se dá sob a forma de uma “tonalidade afetiva dominante”, colocando em evidência a totalidade do ser humano e suas ligações com a Terra. “Há, na paisagem, uma fisionomia, um olhar, uma escuta, como uma expectativa ou uma lembrança” (DARDEL, 2019, p. 31/33). Há, portanto, a relação entre o sujeito e o ambiente. Paisagem é o resultado de uma interação com o local, sua percepção e sua representação (COLLOT, 2013).

E dessa relação, surge a lugaridade, que “expressa exatamente essa relação dialógica dos seres em movimento com lugares e caminhos que, como pausa, como convivência íntima, arrumam e delimitam os espaços.” (HOLZER, 2021). Entendemos o termo lugaridade como uma capacidade que um espaço possui de ser lugar. O espaço tem maior ou menor lugaridade. Para entendermos melhor, precisamos discorrer sobre o lugar. Apresentamos, de maneira muito breve o conceito de lugar, pois trata-se também de um termo de difícil conceituação, iniciando com Yu Fu Tuan, para o qual corresponde a um espaço dotado de valores (TUAN, 2012).

“Quando olhamos uma cena panorâmica, nossos olhos se detêm em pontos de interesse. [...] Não é possível olhar uma cena de uma só vez, nossos olhos continuam procurando pontos onde repousar a vista”, diz Tuan. Diz ainda que “talvez, qualquer grande aspecto da paisagem crie seu próprio mundo, o qual pode aumentar ou diminuir segundo o interesse momentâneo das pessoas, sem perder inteiramente a sua identidade.” (TUAN, 2012, p. 199/201). Esse mundo, criado por aspectos interessantes da paisagem é o lugar, que pode ser pequeno como um canto de um quarto ou grande como a própria Terra, esta, se observada por astronautas “é o nosso lugar no universo” (TUAN, 1979, p.421).

Silva (2021) apresenta um argumento de Lowenthal, dizendo que paisagem e lugar se confundem em algumas situações, no entanto, paisagem transmite uma noção genérica, enquanto lugar indica especificidade. Ao se analisar o lugar, o foco é mais restrito, centrado na noção de pertencimento, memória e emoções que interferem na organização do pensamento.

O lugar é:

algo mais do que uma localização abstrata. Pensamos numa totalidade constituída de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor. Juntas, essas coisas determinam uma “qualidade ambiental que é a essência do lugar. Em geral, um lugar é dado como esse caráter peculiar ou “atmosfera”. Portanto, um lugar é um fenômeno qualitativo “total”, que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta (NORBERG-SCHULZ, 2009, 445)

Os lugares são, portanto, espaços fechados onde o homem habita, portanto, onde se sente seguro e confortável, se identifica e se relaciona, onde ele “é-no-mundo” (AUGÉ, 1994). Ou seja, o lugar é o espaço vivido. Assim, a paisagem, constituída de espaços vividos, desempenha papel importante na representação das identidades dos locais. Conforme diz Schama (1996, p. 26), a identidade nacional – ou de uma cidade – perderia muito de seu fascínio sem “a mística de uma tradição paisagística particular: sua topografia mapeada, elaborada e enriquecida como terra natal.”

A paisagem possui a importante função de alimentar a memória social, além de representar o cenário em constante transformação em que se desenvolve a vida, por isso, os signos nela contidos são valiosos no cotidiano das cidades, pois, como disse Nora (1993, p. 9), a memória cria raízes no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A necessidade de preservar a paisagem é justamente para conservar estes signos, marcas da relação entre homem e natureza impressas nos lugares e que podem ser perdidos nas constantes renovações (NOBRE, 2007).

Paisagens singulares, diz Nobre (2007), se constituem em patrimônios culturais, na medida que estão presentes nas representações sociais, guardam memórias. Alguns atores das sociedades contemporâneas defendem a preservação da paisagem natural e urbana, dada a importância de seus aspectos na construção da identidade cultural dos habitantes.

Os bens culturais, como edifícios históricos, monumentos, sítios arqueológicos, conjuntos urbanos, entre outros, e os bens naturais são componentes da paisagem e ocupam o seu lugar dentro dela, entendendo lugar como um espaço vivido, dotado de valor, relacional e histórico. O patrimônio só tem sentido se os grupos sociais enxergam nele os valores que indiquem as etapas relevantes “da aventura do homem na Terra” (RIBEIRO, 2005, p. 112) e as marcas que resguardam memórias e são identitárias para a comunidade. Dessa maneira, o bem preservado nasceu de “relações sociais que emprestam significado à vida”, relações estas sediadas nos lugares. Concluímos, portanto, que o patrimônio é um lugar na paisagem.

Batista e Matos (2014), explicitando o pensamento de Halbwachs e de Aldo Rossi (1966), consideram que a cidade é memória coletiva das pessoas que dela participam, portanto, tal como a memória, ela está ligada a fatos e lugares. Estes autores afirmam que existe uma inter-relação entre lugar e os cidadãos, “que se traduz na imagem proeminente, na arquitetura, na paisagem urbana, cuja transformação é reconhecida mediante o acréscimo de novos fatos à cidade, fatos que estão contidos na memória.” (p.32)

Nunca se falou tanto sobre a preservação do patrimônio e da memória, e nunca se forjaram tantos instrumentos para se lidar com as preexistências culturais, tema que atualmente não se limita à reflexão sobre cultura, estendendo-se à reflexão do futuro das cidades, ao planejamento territorial e à preservação do meio ambiente. (CASTRIOTA apud COSTA; SERRES, 2016) Estudar e conhecer os lugares das cidades, dentro de suas paisagens percebidas, é ação importante nas estratégias de preservação, pois, como dito, o patrimônio só vai adquirir sentido de for relacional, identitário e histórico, se for lugar, ou seja, se for um local com alto grau de lugaridade para a coletividade.

Sabemos da importância das paisagens de Petrópolis na composição do seu valor patrimonial. Tanto que existem vários conjuntos urbanos paisagísticos definidos e protegidos, pelo IPHAN e pelo INEPAC, instituto de preservação estadual. Sabe-se também que a Mata Atlântica é um dos fatos principais na formação da paisagem/identidade/caráter da cidade. Antes da cidade existir, era somente a floresta, que passou a fazer parte da formação da paisagem desde os primeiros habitantes indígenas.

Tuan (2013) diz que lugar é um mundo de significados organizado, “é essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar.” (p. 219) “Quando, por outro lado, um povo percebe que as mudanças estão ocorrendo muito rapidamente, rodando sem controle, a saudade de um passado idílico aumenta sensivelmente.” (p. 237)

“O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade”. A preservação do patrimônio cultural é preocupação de agentes e cidadãos de várias partes do mundo. “O entusiasmo pela preservação nasce da necessidade de ter objetos tangíveis nos quais se possa apoiar o sentimento de identidade.” (TUAN, 2013, p. 227/239)

Literatura e paisagem em Petrópolis: os lugares no olhar do poeta

Anteriormente, citamos Collot (2013) para dizer que a arte pode orientar os sujeitos a perceber uma paisagem. Para este autor, a experiência da paisagem não é, unicamente visual, o próprio espaço captado pela visão comporta certa invisibilidade, aquela marcada pelo horizonte, por exemplo. As lacunas do olhar são preenchidas pelo trabalho da imaginação ou pelo impulso do movimento. “Longe de ficar estática como uma imagem, a paisagem é um espaço a percorrer, a pé, num veículo ou em sonho” (COLLOT, 2013, p. 52).

Essas múltiplas dimensões ocultas da paisagem, prossegue o autor, que são sugeridas por meio das artes visuais, encontram maior expressão na literatura. “A poesia tem uma grande vantagem sobre a pintura na descrição de uma paisagem, pois pinta com a alma os objetos que esta representa apenas com os olhos.” (SAINT PIERRE apud COLLOT, 2013, p. 52). Para começarmos as análises dos poemas escolhidos sobre Petrópolis, mostramos uma obra de Georg Trakl, poeta expressionista austríaco, analisado por Christian Norberg-Schulz (2009, p. 446):

Uma noite de inverno

Quando a neve cai na janela
E os sinos noturnos repicam longamente,
A mesa, posta para muitos,
E a casa está preparada.
Há quem, na peregrinação,
Chegue ao portal da senda misteriosa,
Florescência dourada da árvore misericórdia,
Da força fria que emana da terra.
O peregrino entra, silenciosamente,
Na soleira, a dor petrifica-se,
Então resplandecem, na luz incondicional,
Pão e Vinho sobre a mesa.

O poeta dá vida a todo um ambiente natural – provoca sensações com as palavras neve – fria, gelada, macia, silenciosa – que cai – cai de um céu para a terra, existe um espaço por onde a neve percorre. O sino – fenômeno criado pelo homem – é ouvido em toda parte, torna tudo uma totalidade – o lado de dentro e o lado de fora – o sino é um símbolo que relembra os valores comuns nos quais se fundamenta essa totalidade – o soar do sino ao anoitecer chama os homens, como mortais, à presença do divino, onde somos todos iguais. O lado de dentro: “A mesa, posta para muitos, E a casa está bem preparada”. A casa, fechada e preparada, dá sensação de abrigo e proteção. A mesa insinua um centro, ao redor do qual as pessoas se reúnem – é o vestígio mais forte do “de dentro” – não se tem uma descrição do caráter deste lugar de dentro, mas se pode ter uma noção: iluminado e cálido, tem um silêncio que antecipa os sons de uma reunião. O interior é um mundo de coisas compreensíveis, onde a vida de muitos tem lugar. E a janela? É a vista para o externo, a compreensão de que o dentro pode te proteger do frio de fora, mas não precisa privar de sua beleza.

Norberg-Schulz (2009) utiliza o poema de Trakl para exemplificar a casa como lugar, não só a casa, imóvel, mas a cidade natal de um peregrino, de alguém que a muito se foi e agora retorna ao seu lar. O lugar como o espaço vivido, onde o homem habita.

Começamos as análises dos poemas com a artista petropolitana Edith Marlene de Barros. Poetiza premiada, presidiu a Academia de Poesia Raul de Leoni (atual Academia Brasileira de Poesia) por dez anos (1993 a 2004) onde, com seu dinamismo conseguiu significativas conquistas. Foi responsável pela 1ª edição da Antologia da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, embrião da atual Argila. Em 1999 montou uma magnífica exposição de sucesso, com o acervo do poeta Raul de Leoni (por quem é admiradora apaixonada), nas dependências da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (SANTOS, 1987; ACADEMIA BRASILEIRA DE POESIAS, 2023).

Petrópolis, minha cidade

Talvez nunca tivesse te amado tanto!
Chegou o dia em que te descobri,
E foi como se te olhasse a primeira vez.

Amei teu céu azul de inverno
e a tua poeira de sol entre as árvores!
Amei tua Praça da Liberdade e o Lago do Cremerie.
Descobri as decantadas hortênsias
Branças, azuis e lilases
que margearam tuas ruas de outrora!
Amei teu ruço, hálito branco,
de acordar de montanha.
E senti teu cheiro de terra protetor e amigo.
Lembrei a Ponte de Ferro,
a Cachoeira da Bela Vista
e minha casa de chão de tijolos
com jardim na frente e fogão de lenha.
Me senti criança a brincar
debaixo da velha paineira,
que nem sei mais se existe.
Entrei na Catedral e seu silêncio
abrangeu o meu eu de antigamente.
Balancei nas folhas das tuas palmeiras
e das centenárias árvores.
Percorri teu Centro,
hoje tão mudado pelo progresso.
Olhei com carinho o Grupo Pedro II,
o Liceu Municipal, o Museu Imperial,
os chorões que enfeitam tuas praças...
e as recordações voltaram todas
a embalar a vida que já passa...

Aqui, destacamos três categorias: verbos, adjetivos e locais. Os locais tornados peculiares na visão da autora, por meio dos verbos e adjetivos. A volta à cidade, a atmosfera do local, a fez se sentir criança. Todas as lembranças se materializaram e criaram o lugar se suas memórias: amei, descobri, lembrei, percorri, olhei. “Senti teu cheiro de terra protetor e amigo.” “Olhei com carinho[...]”, “e as recordações voltaram todas a embalar a vida que já se passa”. Com um olhar saudoso, a autora percorre a cidade, se sente protegida, como quando criança, tem carinho pelas antigas escolas e as recordações são boas para ela. Portanto, a autora tem um lugar em Petrópolis. As paisagens – “[...] teu céu azul de inverno e a tua poeira de sol entre as árvores!” ou “[...] minha casa de chão de tijolos com jardim na frente e fogão de lenha” – formam um microcosmos para a autora, onde abriga o seu ser no mundo, mesmo que algumas dessas paisagens só exista em sua imaginação, nas suas lembranças. Fazer um sítio se tornar um lugar é revelar os significados presentes de forma latente no ambiente dado. Para Noberg-Schulz (2009) o lugar é o *Imago mundi* – microcosmo – o mundo que o homem constrói para ele, repleto de significados. A autora se identifica, se relaciona e tem sua história marcada pelo local. O lugar, repetindo Augé (1994), é relacional, identitário e histórico. Portanto, os lugares de Petrópolis, pela autora, estão nas montanhas que exalam o ruço, nas cachoeiras e praças, nas edificações que marcaram a sua vida. Ou seja, estão embutidos em todas suas paisagens. A próxima poetisa, da qual analisamos a obra, é Márcia Ângela Rosa Allemand, nascida em Niterói e radicada em Petrópolis, onde atuou como pedagoga no setor educacional da cidade. Obteve premiações no “VII Encontro de Trovadores”, no “Concurso de Poesia Semana do Exército” e no “Concurso de Poesia Farid Félix”, promovido pela Academia Petropolitana de Letras.

Petrópolis, aquarela viva

Petrópolis, polis de Pedro

que não era o segundo.
- Primeiro a amar a serra!
Na Córrego Seco plantou
germanos e realeza
e hortênsias então medraram...
tal qual aquarela viva
pincéis percorreram os rios
e se encontraram em praças
multiplicadas em tons.
Por moldura tem o vale,
(vale verde) – as montanhas...
Petrópolis, uma princesinha
filha do Imperador
que já nasceu na Estrela
e se confunde no céu
com as nuvens de neblina.
Volteado de coqueiros,
(sentinelas naturais)
Pedro, Imperador, na praça,
Como se estivesse em casa
Sobre tapete real,
medita sobre o tempo
que não para de passar
e espera a primavera
para nela lembrar
o início da aquarela
que começou a pintar...

Diferentemente do poema anterior, não temos de maneira tão explícitas as categorias de termos que definem o lugar. Mas, percebemos o entusiasmo e a valorização pela cidade. Neste poema, portanto, o lugar é captado mediante a imagem metafórica criada pela autora, em que Petrópolis é uma aquarela, cujas tintas advém da natureza que a compõem, entre vales e rios emoldurada pelas montanhas. A obra também revela uma certa melancolia, ao se referir à estátua de D. Pedro II como o Imperador que “medita sobre o tempo que não para de passar”. A primavera é a estação em que a cidade fica mais bela, mais colorida e, talvez, mais parecida com o que já foi um dia. Será uma saudade de um “passado idílico”? (TUAN, 2013)

As lembranças da autora estão marcadas pela natureza: as cores que ela proporciona à cidade, as hortênsias que se destacam, os coqueiros sentinelas que rodeiam o Imperador na praça, as nuvens de neblina. Será lembranças ou ela ainda vive isso na cidade? A visão bucólica que a autora passa da cidade, pode nos levar a pensar que, apesar das transformações que ocorreram na cidade, na primavera, ela volta a ter a atmosfera original. Saudade alude a lembranças, memórias que foram criadas em determinados lugares. Ao se perder o lugar, perde-se o referencial, um habitat, um lar para onde voltar, fica a saudade. A perda dos lugares, para a cidade, deixa os espaços vazios de significados. Ficam apenas espaços sem relações, sem identidade e sem história, os não-lugares (AUGÉ, 1994). A seleção das memórias e identidades que compõem os patrimônios vai ditar o que esquecer e do que lembrar (COSTA; SERRES, 2016).

No próximo poema apresentado, vamos destacar esse apego ao passado e a revolta contra as transformações. A obra é de Geraldo Ventura Dias, mineiro de Juiz de Fora, poeta, músico e compositor. Mudou-se para Petrópolis, foi autor do Hino Oficial da cidade (letra e música). Em 1987, obteve o primeiro lugar no "Concurso de Poesia Farid Félix", com o poema que vamos analisar, promovido pela Academia Petropolitana de Letras, onde ocupou a cadeira nº 8 até seu falecimento, em 10 de junho de 2000.

Em tua defesa, Petrópolis

No silêncio das frias madrugadas,
se a brisa das montanhas tudo invade,
eu ouço o teu clamor, cidade amada,
pedindo paz, amor, fraternidade.
Escuto teus queixumes, teus lamentos,
nas águas pachorrentas de teus rios
e sinto tuas penas, sofrimentos,
nos lírios amarelos, tão sombrios;
as velhas magnólias, sem fileiras,
murmuram mais tristezas e aflições
e os troncos dos ipês e das palmeiras
revelam que há maus tratos e agressões.
Lastimo tanto mal, tanta fereza
que atiram contra ti, minha querida;
revolta-me saber que haja torpeza
em muitos que aqui vem ter guarida.
Condeno esses vilões, desumanos,
pois, tendo a obrigação de defendê-la,
omitem-se, escondem-se, são culpados,
furtando-se ao dever de protegê-la.
Petrópolis, meu rancor é ingente
e luto há muito tempo, na cruzada
contra quem te maltrata, impunemente,
e ainda eu farei mais, cidade amada.
Vou despertar a ira de outros mais,
amantes da beleza, da razão,
para lutarmos juntos, fraternais,
que a nossa força vem do coração.
Escritores, artistas, trovadores:
Ajudem-me a cumprir esta missão.
Petrópolis merece seus louvores,
mas quer hoje mais participação.
Se as belezas queremos preservar
deixemos nossos sonhos de angelismo.
Nosso caminho é um só: lutar
com determinação e rigorismo.
Que os maus sejam banidos, sem piedade,
e a maldição os puna, por vileza;
se cegos estão a fazer maldade
que não mais possam ver essa beleza.
Petrópolis, no verso e na canção,
faremos retumbar, por todo o espaço,
nosso grito, nossa disposição,
de defender-te sempre, a ferro e aço.
E os jovens que aqui irão viver,
recebendo de herança esta cidade,
terão o grande orgulho de dizer:
aqui viveram homens de verdade!

E foram poetas, artistas, trovadores...

Aqui, a ausência de categorias para classificação do lugar é ainda mais severa do que no poema anterior. Não temos adjetivos e verbos, além do “cidade amada”, que destaquem o apreço, o afeto do autor para com a cidade, mas, ao interpretarmos, ao observarmos trechos e o título da obra, fica evidente que isto existe. O autor ama tanto a sua terra, que vai à luta para defendê-la, para protegê-la dos maus. Quem seriam os vilões? Estaria o

autor se referindo a uma época de violências, ou se refere às transformações da paisagem de Petrópolis?

Como a maioria das cidades, Petrópolis cresceu sem planejamento e previsões para expansões urbanas. Encostas e margens de rios foram ocupadas, fazendo crescer o desmatamento, poluição, conseqüentes inundações e deslizamentos de solo. Podemos interpretar a maldade citada pelo autor como se fosse a onda de transformação que descaracteriza, que destrói o sentido do lugar: “nos lírios amarelos, tão sombrios; as velhas magnólias, sem fileiras, murmuram mais tristezas e aflições e os troncos dos ipês e das palmeiras revelam que há maus tratos e agressões”.

“O progresso” não foi bem-vindo da mesma forma para todos os petropolitanos. Por exemplo, na década de 1940, começaram a despontar na paisagem urbana os edifícios altos, em meio ao casario e aos sobrados do que chamamos de centro histórico. Um dos títulos do jornal local da época foi “Os Fantasmas de Concreto Armado”, em que as obras eram responsabilizadas pela descaracterização da paisagem (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1940).

“Se as belezas queremos preservar [...] nosso caminho é só um: lutar.” A beleza, que aparece algumas vezes no poema, é a atmosfera, o espírito do lugar, que pode ser danificado pelas transformações do “desenvolvimento” e do “progresso”. Já vimos, com Yi-Fu Tuan (2013) que, quando um espaço é dotado de valores por seus usuários, se torna um lugar. Cristian Norberg-Schulz (2009) define o caráter de um lugar como uma “atmosfera” que exprime o *genius loci*, o espírito do lugar, a sua identidade. O autor do poema convida poetas, artistas e trovadores, para defender este espírito, talvez, por serem pessoas de sensibilidade exacerbada, são consideradas mais aptas a perceber o quanto sofre a amada cidade, por ser mais capazes de sentir “teus queixumes, teus lamentos”.

Considerações finais

Percebemos o lugar presente nos poemas, a partir de visões semelhantes, porém, em abordagens diferentes. A primeira obra nos mostra um observador nostálgico, que vê nas paisagens de Petrópolis a sua vida da infância, sente as mesmas sensações do passado. Ou seja, o espírito permanece. O segundo poema, nos remete a uma sensação semelhante, porém nos mostra uma visão mais bucólica, que não é mais como antigamente, o tempo passa e traz consigo as mudanças, porém, em alguma época do ano, na primavera, é possível sentir a atmosfera, como se o espírito do lugar do passado voltasse. Já o terceiro autor nos mostra uma Petrópolis que está sofrendo, que clama por proteção. Interpretamos assim, que o lugar está sendo atacado, por pessoas más, como diz o poeta, que podem ser representadas pelas drásticas transformações, que afetam de modo significativo o *genius loci*, fazendo com que o lugar perca seu sentido.

É certo que as transformações chegam em quase todas as cidades. Somente as cidades cenários, reinventadas para o turismo, tem a possibilidade de ficarem estáticas no tempo. As demais, são dinâmicas, orgânicas e vivas. Não é possível evitar as mudanças para que as demandas da população sejam atendidas. É preciso controlar essas mudanças, com planejamento, políticas públicas, conscientização e educação. Estas ações devem ser ainda mais evidentes numa cidade como Petrópolis, que possui vasto acervo de bens culturais e ainda uma grande área de Mata Atlântica. É uma cidade patrimônio.

Não defendemos que não se possa construir nos terrenos vazios dentro da mata, desde que estes sejam seguros e desde que se respeite os limites impostos pelas legislações e órgãos preservacionistas que zelam pela preservação da floresta. E, ainda, desde que estas

construções criem edifícios com qualidades ambiental, estética e relacional, ou seja, criem lugares, mantendo o espírito do lugar. Interpretando o que dizem Batista e Matos (2014), a Mata Atlântica de Petrópolis é a “matriz formal”, que deve ser reconhecida e preservada, durante o processo dinâmico e relacional que é a leitura dos lugares, no sentido de valorizá-los, revitalizá-los e perpetuá-los através de conhecimento e de memória.

As adaptações e transformações são inevitáveis para atender às demandas da contemporaneidade – no caso de Petrópolis, a necessidade de habitação. Os projetos de intervenções devem ter como critério a permanente apropriação da realidade territorial, considerar a sua inter-relação com os lugares que, enquanto sobreposições, nunca poderão ser encarados “como territórios anódinos que os projetistas e os especuladores imaginam e consideram, frequentemente” (BATISTA; MATOS, 2014, p. 38).

Ler os poemas e interpretá-los mediante a teoria do lugar, identificar lugares dentro de nossa cidade, espaços pelos quais temos afeto, perceber as mudanças, comparar como eram no passado e como são agora, se as transformações transformaram também a atmosfera, o “clima do lugar”, são ações que podem despertar o interesse em preservar as características dos locais, relevantes para a preservação da identidade da comunidade. Assim, em ações maiores, despertar o interesse pela preservação do patrimônio cultural e natural como um todo.

Ao contemplarmos os lugares em Petrópolis, podemos ter reações diversas, obter da cidade como um todo as sensações boas, como a poetisa Edith Marlene de Barros, ora com uma visão nostálgica, ao olhar para um lugar e imaginar uma realidade que já não está mais lá, ora nos sentarmos na Praça da Liberdade e regozijarmos com um lugar dinâmico, bonito e democrático, onde a vida acontece em todas as suas fases e maneiras; ou, podemos, como Márcia Ângela Rosa Allemand, procurarmos os lugares em momentos e pontos específicos; ou como Geraldo Ventura Dias, nos enfurecermos, arregaçarmos a manga e lutar para proteger o espírito do lugar.

Referências bibliográficas

AMBROZIO, Julio Cesar Gabrich. **O Presente e o Passado no Processo Urbano da Cidade de Petrópolis** (Uma História Territorial). 2008. 376p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ACADEMIA BRASILEIRA DE POESIAS. Casa Raul de Leoni. Acadêmicos Beneméritos.

Edith Marlene de Bastos. Disponível em:

<https://rauldeleoni.com.br/academicos/academicos-benemeritos/edith-marlene-de-bastos/>.

Acesso em 10 de nov. 2023.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Coleção Travessia do século. Campinas, SP: Papyrus, 1994. Edição do Kindle.

BATISTA, Desidério Soares; MATOS, Rute Sousa. **A dimensão patrimonial e identitária da paisagem**: a história do lugar como fundamento da intervenção urbana e territorial contemporânea. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche; FIGUEIREDO, Lauro César (ORG.). Lugares: Patrimônio, Memória e Paisagens. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRASILIANA ICONOGRÁFICA. **Petrópolis**: a cidade construída para um Imperador. s/d.

Disponível em: <https://www.brasilianaconografica.art.br/artigos/20236/petropolis-a-cidade-construida-para-um-imperador>. Acesso em: 20 de out. 2023.

COSTA, Luciana de Castro Neves; GASTAL, Susana de Araújo. **Paisagem Cultural**: Diálogos entre o Natural e o Cultural. ANAIS DO VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM

TURISMO MERCOSUL. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. Disponível em:

https://www.ucs.br/ucs/tpiSeminTur2010/eventos/seminario_de_pesquisa_semintur/anais/gt03/arquivos/03/Paisagem%20Cultural.pdf. Acesso em: 01/set./2021.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOLZER, Wherter. **A geografia humanista** [livro eletrônico]: sua trajetória: 1950 - 1990. Londrina: Eduel, 2016. Edição do Kindle.

_____. **Sobre Território e Lugaridades**. Revista Cidades. V. 10. Nº 17. Chapecó, SC, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.edu.br/index.php/cidades/article/view/12015/7714>. Acesso em: 13 de nov. de 2023.

GABLER, Louise. **Estrada de Ferro D. Pedro II**. 22/06/2015. In MAPA – Memória da Administração. Pública Brasileira. Arquivo Nacional, publicado em 11/11/2016. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/317-estrada-de-ferro-d-pedro-ii>. Acesso em 31 de out. 2020.

NOBRE, Paulo José Lisboa. **Patrimônio-paisagem**: função social da cidade. Estudos e pesquisas em Psicologia. UERJ, RJ. Ano 7, Nº 2, 2007, pp. 108-121. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10925/8629>. Acesso em 10 de jun. de 2019.

NORBERG-SHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar**. In: NESBIT, Kate (ORG.). Uma Nova Agenda para a Arquitetura. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009a. P. 444-461.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Série Documentação e Pesquisa do IPHAN. Rio de Janeiro, IPHAN, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. **Fantasma de Cimento Armado**. 11 de agosto de 1940. Petrópolis: Tribuna de Petrópolis, 1940a. Ano XXXVIII. Nº 188. Biblioteca Municipal de Petrópolis. Arquivo Histórico.

TUAN, Yi-Fu. **Space and Place**: Humanistic Perspective. (in) Gale S; Olsson, G. (eds) Philosophy in Geography. Theory and Decision Library, Springer, v.20, 1979. Disponível em: https://www.natcom.org/sites/default/files/publications/Tuan_1979_space-place.pdf Acesso em 18 mar. 2023.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Eduel, 2012.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Eduel, 2013.

DECLARAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO MANUSCRITO

Declaramos a autoria e responsabilidade pública do texto “ PAISAGEM E LITERATURA: O LUGAR NA OBRA DE ESCRITORES DE PETRÓPOLIS DO SÉCULO XX” e indicamos a seguir a contribuição de cada um dos autores na produção, construção e redação do manuscrito, satisfazendo as exigências de autoria.

Abaixo, assinalamos os campos que se aplicam à contribuição de cada autor.

Autor 1: Ana Kyzzy Fachetti

- Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação, escrita do texto, criação da hipótese, entre outros).
- Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados do trabalho).
- Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito).
- Coleta tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, participantes, organização dos dados, entre outros).
- Análise / interpretação (responsável pela análise (qualitativa/quantitativa), avaliação e apresentação dos resultados).
- Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos).
- Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).
- Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).
- Outros (listar outras contribuições específicas).

Autor 2: José Simões de Belmont Pessôa

- Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação, escrita do texto, criação da hipótese, entre outros).
- Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados do trabalho).
- Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito).
- Coleta tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, participantes, organização dos dados, entre outros).
- Análise / interpretação (responsável pela análise (qualitativa/quantitativa), avaliação e apresentação dos resultados).
- Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos).
- Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).
- Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).
- Outros (listar outras contribuições específicas).

DECLARAÇÃO – CONFLITO DE INTERESSES

Declaro não estar submetido a qualquer tipo de conflito de interesse junto aos participantes ou a qualquer outro colaborador, direto ou indireto, para o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa intitulado “PAISAGEM E LITERATURA: O LUGAR NA OBRA DE ESCRITORES DE PETRÓPOLIS DO SÉCULO XX”, cujos pesquisadores envolvidos são: Ana Kyzzy Fachetti e José Pessôa.

Declaro ainda que minha atuação como pesquisador é independente, autônomo e comprometida com o interesse precípua de defesa de direitos e a segurança do(s) participante(s) de pesquisa nos termos da Resolução 466/12 e demais diretrizes éticas em pesquisas envolvendo seres humanos.

Ana Kyzzy Fachetti

José Simões de Belmont Pessôa

DECLARAÇÃO – DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Declaramos que todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Ana Kyzzy Fachetti

José Simões de Belmont Pessôa

Petrópolis, 12 de agosto de 2024

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.